

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Ana Elisa Alves Tomaz

**RAIZ AFRO: A ESTÉTICA COMO FORMA DE EMPODERAMENTO**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso). Orientadora: Prof. Dra. Marcella Beraldo

Juiz de Fora

2019

**DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E  
AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO**

Eu, **Ana Elisa Alves Tomaz**, portadora do documento de identidade nº 15157725 – SSP-MG e CPF nº 080918666-74, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 2014734124A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado - **RAIZ AFRO: A ESTÉTICA COMO FORMA DE EMPODERAMENTO**, desenvolvido durante o período de 08 de março de 2019 a 05 de julho de 2019 sob a orientação de Marcella Beraldo, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

---

Ana Elisa Alves Tomaz

# RAIZ AFRO: A ESTÉTICA COMO FORMA DE EMPODERAMENTO

Ana Elisa Alves Tomaz<sup>1</sup>

## Resumo

Neste artigo pretendo versar sobre o encontro da identidade nos traços negros e principalmente no culto aos cabelos, tentando compreender a influência do cabelo na vida do indivíduo e na sociedade, em especial, o cabelo da mulher negra, que é a principal personagem que pretendo estudar. Contudo isso não seria possível sem abordar o tema do racismo e suas raízes, com intuito de compreendermos quais teorias originaram as idéias de racismo, o período em que elas surgiram e como a história do racismo e segregação que vem ocorrendo desde a colonização (referente ao Brasil), deixou marcas que até hoje são profundas ao olharmos para a população negra, principalmente em referencia à traços, costumes e religião. Para esta pesquisa utilizei da leitura de autores que tratam da estética em geral de corpos negros, de questões de racismo, da coisificação de pessoas, entre outros; Utilizarei também relatos de experiências de pessoas que passaram pelo processo de aceitação e identificação com a forma natural de seus cabelos. A estética de que eu quero tratar diz sobre o reconhecimento e pertencimento frente a sociedade, a identificação com suas raízes, se sentir a vontade consigo dispensando a necessidade da utilização das formas e padrões considerados "aceitáveis" para encontrar seu lugar no mundo.

**Palavras-chave:** Negros - Mulheres negras - Identidade - Racismo - Cabelos.

## Introdução - A raiz de tudo

Através dos estudos e características que aprendemos acerca da nossa colonização fica claro que houve desde sempre uma supremacia dos povos Europeus. A vinda destes para as terras brasileiras entre outros motivos era o interesse em expansão marítima, territorial e obtenção de riquezas, principalmente a busca de ouro e especiarias. Para alcançar seu objetivo de enriquecimento era necessário muita mão de obra barata e submissa. Primeiramente os portugueses se apropriaram dos Índios que foram explorados ao máximo nas atividades de plantio, porém não foram classificados como ideais para trabalhos mais brutos, como por exemplo a exploração de terras na busca de riquezas, o que deu lugar a exploração negra.

Como os portugueses já haviam colonizado algumas regiões na costa africana, a exploração de tal povo não era novidade para estes. A forçada travessia da África para o Brasil era realizada em condições desumanas de todas as formas imagináveis. Os negros, como foram chamados pelos colonizadores, eram considerados inferiores, desprovidos de cultura e raciocínio, alguns padres portugueses acreditavam que esses não possuíam alma e que adoravam ao diabo em suas praticas religiosas, então a exploração era uma forma destes se redimirem e obterem a salvação. Os escravos eram utilizados como mão de obra para as fazendas, como moedas de troca, como amas de leite, e em alguns casos como objeto para a satisfação sexual de seus Senhores.

Os escravizados que conseguiam fugir se uniram posteriormente em grupos onde tentavam se apoiar, se proteger e montar uma resistência frente as práticas de exploração, resultando nos quilombos. Nessa luta muitos morreram devido as doenças, os severos castigos, e até ao suicídio<sup>2</sup>. Após séculos de exploração quando foram "libertos", principalmente após a Lei Áurea, estes se viram com sua liberdade porém, sem

<sup>1</sup>Graduanda em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: aeat.alves@gmail.com. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientadora: Prof. Marcella Beraldo

<sup>2</sup> A partir da leitura de artigos especializados é possível ter acesso a um estudo aprofundado que traz a luz que os suicídios não ocorriam somente em decorrência do desgosto pelos maus tratos, existiam um enorme desejo de morrer que era incitado pelo desejo de liberdade, uma forma de protesto, em decorrência da saudades de sua terra e seus costumes, e principalmente devido a crença de retorno a sua terra natal na reencarnação.

nada, não tinha nenhum pedaço de terra, não tinham vestimentas adequadas, muitos não tinham trabalho ou mesmo não sendo escravos seus trabalhos eram exploratórios e com sua deplorável condição começaram a constituir precárias moradias onde era possível, e assim foram formando aglomerações nas periferias da cidade, o que começa a ser erguido ali mais tarde seria reconhecido como o que hoje chamamos de favela. Nesse ciclo de exploração e humilhação é possível observar através de estudos e publicações que o negro vem aos poucos conseguindo se desvencilhar de estereótipos e conquistando lentamente seu lugar em meio as atividades na sociedade, porém essa carga foi tão grande e amarga que refletiu desde sempre na forma de serem vistos e tratados, realidade ainda presente nos dias de hoje.

Não é meu intuito explorar a parte religiosa no presente trabalho, mas em diversos estudos é possível encontrar a segregação entre brancos e negros não como um "discurso racial" (este surgiu muito à frente), mas sim como um discurso de base religiosa.

"Desde os primórdios das línguas indo-européias, o branco representava o bem, o bonito, a inocência, o puro, o divino, enquanto o negro era associado ao moralmente condenável, ao mal, às trevas, ao diabólico, à culpa." (HOFBAUER, 2003, p. 03)

### **Os problemas do passado e os reflexos no presente**

O "brasileiro" surgiu quando se tornou necessário diferenciar através do nome os núcleos neobrasileiros formados, principalmente, por brasilíndios e afro-brasileiros, e ao do negro. Os brasileiros formam uma civilização adaptada aos trópicos, profundamente ligada à portuguesa, porém diferente desta devido à cultura composta pela união de tradições de ancestrais. O primeiro a assumir sua identidade de brasileiro foi o brasilíndio, já que não era considerado branco nem índio. Depois foram os mulatos que passaram a serem vistos como brasileiros contra sua vontade.

A partir de leituras principalmente das áreas sociais e antropólogas é possível ter acesso a uma riqueza de informações dentro do tema por mim proposto, na obra *Espectáculo das Raças* (Schwarcz, Lilia), por exemplo, que trata do nascimento de diversas instituições e teorias é possível perceber que a miscigenação até muito recentemente era apontada como declínio, degradação dos povos. Até o século XVIII os mais diversos grupos eram associados a "povos" e "nações", o conceito de raça ainda não era empregado (Stocking, 1968).

Diversas correntes foram surgindo e conceituando o que se aplicava sobretudo ao político e ao social, e a maioria desses conceitos associavam o mestiço a termos ruins

"Ou seja, as raças constituiriam fenômenos finais, resultados imutáveis, sendo todo cruzamento, por princípio, entendido como erro. As decorrências lógicas desse tipo de postulado eram duas: enaltecer a existência de "tipos puros" - e portanto não sujeitos a processos de miscigenação - e compreender a mestiçagem como sinônimo de degeneração não só racial como social." (Schwarcz, 1993, p.78)

A definição de conceitos de desigualdade e diferença significavam nessa época apenas "problemas definitivos e irreparáveis, transformando-se a igualdade em um problema ilusório." (Schwarcz, Lilia, p.81), dessa forma é possível ver que os fatores da desigualdade não eram vistos como problemas a serem tratados, as sociedades menos favorecidas teriam que simplesmente aceitar sua condição e conviver com os fardos que ela traria.

Nos séculos XVIII e XIX existiram alguns teóricos de grande influência, um deles foi E. Renan (1823-92), sua teoria versa que os negros, amarelos e miscigenados "seriam povos inferiores não por serem incivilizados, mas por serem incivilizáveis, não perfectíveis e não suscetíveis ao progresso". Outro teórico da época Gobineau (1816-82), que permaneceu 15 meses em missão no Brasil, dizia que "o resultado da

mistura é sempre um dano", " Trata-se de uma população totalmente mulata, viciada no sangue e no espírito e assustadoramente feia", e segundo o pesquisador suíço Louis Agassiz

"...que qualquer um que duvide dos males da mistura de raças, e inclua por mal-entendida filantropia, a botar abaixo todas as barreiras que as separam, venha ao Brasil. Não poderá negar a deterioração decorrente da amálgama das raças mais geral aqui do que em qualquer outro país do mundo, e que vai apagando rapidamente as melhores qualidades do branco, do negro e do índio deixando um tipo indefinido, híbrido, deficiente em energia física e mental". (Louis Agassiz (1868:71))

Ao final do século XIX o Brasil de recebia visitas de naturalistas com freqüência, e essa imagem dos que aqui viviam foi disseminada rapidamente, a imagem do nosso continente era de uma terra bonita, explorável e de seres nada agradáveis visivelmente. Nos estudos e teorias apontados até o século XIX, principalmente aqueles baseados na Teoria da Evolução de Darwin, encontramos a miscigenação como uma mistura onde o resultado é sempre a soma dos defeitos dos ancestrais daquela prole, o resultado não poderia ser diferente do que uma "sub-raça".

Devido a tais teorias a elite que aqui vivia ficou desconfortável em receber o rótulo de sociedade miscigenada, degenerada, e também por haver uma exaltação à pureza racial foi iniciado uma adaptação das teses raciais clássicas ao final do século XIX, ato que conhecemos hoje mais popularmente como branqueamento. Tal tese consistia em transformar uma "raça inferior" em "raça superior", e a ação mais eficaz encontrada para isso na época foi a de garantir uma predominância de brancos entre as relações, mais precisamente, nos casamentos, e para isso se iniciou uma grande importação de mão-de-obra européia.

"Ainda no final do Estado Novo, Getúlio Vargas justificaria a assinatura de um Decreto-Lei (1945), que devia estimular a imigração européia, com as seguintes palavras: "(...) a necessidade de preservar e desenvolver, na composição étnica da população, as características básicas mais desejáveis de sua ascendência" (apud BEOZZO, 1981, p. 575).

O Antropólogo Andreas Hofbauer escreveu um artigo acerca do branqueamento onde faz o estudo se alguns relatos de diversas figuras que estiveram no Brasil, e deste estudo traz algumas atitudes e comportamentos que hoje associamos à ideologia do branqueamento, quando se dizia que um homem era "branco", era automaticamente relacionado à "nascido livre"; quando se dirigia a um Capitão ou Senhor de escravos, o sensato era pensar automaticamente que eram brancos; entre outros.

"(...)a maior ambição do negro liberto reside na esperança de que seus descendentes possam um dia, através de uniões com raças menos escuras, integrar-se na população dos homens de cor e ter assim a possibilidade de obter empregos e dignidades". (Rugendas, 1979, p. 140)

Admirados pensadores da época consideravam que para o Brasil se tornar um dos principais centros do mundo civilizado seria necessário dissolver a raça negra — "[...] é lógico supor que num período de um novo século, os mestiços desaparecerão do Brasil, fato que coincidirá com a extinção paralela da raça negra entre nós" (LACERDA<sup>3</sup>, 1911, p. 18-19)

O formato da divisão que se estabeleceu entre a sociedade em grande parte do mundo sempre manteve os brancos, com o controle e superioridade em relação aos negros, fato com larga exposição histórica e que ainda hoje é possível evidenciar sua ocorrência. Os exemplos mais nítidos e palpáveis talvez seja ao redor de babas e empregadas domésticas, no caso das mulheres, onde estas são persuadidas a aderir vestimentas brancas como uniforme de serviço e para reforçar a identificação de

que estão ali para servir. Estas mulheres muitas vezes são privadas de assentar na mesma mesa dos patrões para se alimenta, não podem utilizar o mesmo banheiro, não se sentam na sala, entre outras coisas. Se avistamos dois homens de terno e gravata onde um é branco e o outro negro e alguém nos fala que se trata de um executivo e um motorista, a quem atribuímos as funções citadas? Provavelmente 90% dirá que o negro sem dúvidas é o motorista. Podemos ver claramente em diversos ambientes, desde escolas até a mesas de bar que a escravidão não é um assunto discutido como deveria ser, ela apenas foi aceita e deixada de lado, com isso desconsideramos que os negros que foram trazidos da África para o Brasil não eram simplesmente uma mão de obra, eram um povo com costumes, crenças, traços, religiões, etc; e tudo isso foi simplesmente ignorado e em grande parte perdido, a partir do momento em que foram inseridos em um processo de branqueamento e a partir da perda do contato com sua terra e sua gente.

A população negra tenta ao mesmo tempo lutar contra o racismo associado a sua cor e seus traços, encontrar sua identidade, aceitar seus traços e conhecer suas origens, pois isso lhes foi privado quando foram retirados de suas terras a força, fazendo com que estes ficassem carente da sua própria cultural e do reconhecimento do seu papel no mundo.

Durante muito tempo a estética referencia para o Brasil era inspirada nos mulheres da corte portuguesa, com seu corpo curvilíneo, cintura bem marcada, a pela branca e por trás de seus penteados glamorosos, os cabelos lisos. Essa ideologia eurocêntrica está tão enraizada que os estereótipos brancos estão internalizados em tudo aquilo ao qual temos contato, e dessa maneira continuamos a transmitir a mesma cultura muitas vezes sem nos dar conta disto, e dessa maneira todos os traços que não remetem a este estereotipo padrão não são valorizados, e isso não se restringe a cor, mas também em vários elementos estéticos, como ao tamanho de nariz e boca, utilização de determinados acessórios, e entre outros o tipo de cabelo, que é o objeto principal deste trabalho.

### **A transformação dos cabelos e o encontro da identidade**

Muitos de nós já ouvimos a expressão "cabelo ruim" ser empregada ao se tratar de cabelos cacheados ou crespos, tratando assim esse tipo de cabelo e quem o possui de forma negativa e inferiorizada, dando a entender que "cabelo ideal", o "cabelo bom", seria conseqüentemente o de aparência liso. A disseminação dessa conceito seja por ações e julgamentos da sociedade no dia-a-dia, por sugestões de propagandas, e por outros meios, faz com que as mulheres que possuem um cabelo que naturalmente não é liso comecem a aderir por prender seus cabelos ou realizar procedimentos com a finalidade de alisá-los, muitas vezes ignorando que aquela é sua natureza e passando até a se sentirem melhor por serem mais aceitas socialmente com seu cabelo alisado, ação essa que ajuda a afirmar a idéia de que "cabelo bom é cabelo liso".

Retomando o contexto histórico da escravização, entre todas as violências que os negros sofriam estava a raspagem do cabelo, que para estes correspondia a uma mutilação, pois o cabelo era tido como uma característica de sua identidade e sua dignidade. A significação cultural do negro em torno do seu cabelo é antiga e valorizada por muitos até hoje.

Tratando de alguns conceitos importantes, como a identidade, por exemplo, a autora Nilma Lino em seu artigo *Diversidade étnico-racial, inclusão e equidade na educação brasileira: desafios, políticas e práticas (2011)*, considerado as questões vividas pelos negros traz que

"É nesse contexto histórico, político, social e cultural que os negros (e as negras) brasileiros constroem sua identidade e, entre ela, a identidade negra. Como toda identidade, a identidade negra é uma construção pessoal e social e é elaborada individual e socialmente de forma diversa. No caso brasileiro, essa tarefa torna-se ainda mais complexa, uma vez que se realiza na articulação entre classe, gênero e raça no contexto da ambigüidade do racismo brasileiro e da crescente desigualdade social." (GOMES, 2011, p.02)

A luta dos negros pela liberdade e igualdade de direitos perpassa os tempos de escravidão, estando ativamente presente na evolução dos processos ocorridos no Brasil, que obtiveram maior visibilidade principalmente a partir 1980 através de movimentos sociais, sobretudo o Movimento Negro, que após uma reformulação em 1990 passaram a reivindicar

"(...) intervenção política, a saber: a denúncia da postura de neutralidade do Estado ante a desigualdade racial, exigindo desse a adoção de políticas de ação afirmativa e a intervenção no interior do próprio Estado, mediante a inserção de ativistas e intelectuais do Movimento Negro nas administrações municipais e estaduais de caráter progressista e no próprio governo federal." (GOMES, 2011, p.04)

Até pouco tempo atrás a industria cosmética trabalhava com produtos que tratava estados de cabelos e não tipos, como: oleosos, quebradiços, quimicamente tratados, até cacheados era possível encontrar, mas com certa dificuldade. Há aproximadamente 10 anos, principalmente com referências de artistas brasileiras de cabelo natural, (em grande evidência atrizes globais)<sup>4</sup>, muitas mulheres que antes praticavam o alisamento começaram a enxergar a beleza dos cabelos crespos e cacheados e passaram a aceitar novamente a estética natural de seus cabelos. As chamadas blogueiras no You Tube<sup>5</sup> que já possuíam o cabelo cacheado ou também aderiram a essa mudança de atitude que foi nomeada de transição capilar (imagem 01), iniciaram um processo de vídeos e depoimentos mostrando o passo a passo da recuperação de seus cabelos e juntamente a recuperação de sua identidade, em diversos vídeos de blogueiras diferentes é possível ouvir com frequência a palavra liberadora quando se referiam ao ato de parar de passar produtos para mudar a estrutura natural de seus cabelos (os alisantes).

A cada dia o número de pessoas que tinham acesso a esses vídeos aumentavam, muitas se tornavam seguidoras, aderiam ao processo da transição capilar e o apresentava para mais mulheres se libertarem das químicas de alisamento. A visibilidade que essa mudança gerou, mesmo que apenas em pequenos grupos de interesse no início, foi cada vez aumentando mais e as industrias cosméticas foram se adaptando e se especializando para atender agora não somente o estado em que se encontrava o cabelo, mas também a que tipo ele pertencia, deu início a separação entre cabelos lisos, ondulados, cacheados e crespos, juntamente foram criadas linhas separadas que tratava cada tipo de determinado de cabelo, foi estabelecido uma tabela que versa sobre tipos para que possamos ter a autonomia de verificar qual o nosso tipo e adquirir produtos específicos para determinado tipo de cabelo. Passamos da insossa diferenciação entre liso e cacheado para definições mais específicas (imagem 02), o que contribuiu em muito para o cuidado, o tratamento, e principalmente a aceitação e a beleza dos cabelos naturais.

A identificação da natureza capilar foi muito importante para o resgate de personalidade da mulher e foram sendo criados grupos de apoio e vídeos de incentivo, pois o processo de transição não é fácil, muitas vezes o cabelo de duas ou mais texturas (imagem 03), é muito difícil de ser moldado, o que atrai olhares estranhos e novamente o julgamento quanto a opção de assumir o cabelo como é naturalmente.

No processo de transição é indicado evitar a recorrer à escovar ou pranchar os cabelos, mas pode-se usar ele da maneira mais fácil considerado para cada uma continuar com o processo, algumas usam o cabelo preso aguardando ele crescer e cortando as pontas com a química sempre que possível, outras optam pela texturização, que é o ato de criar cachos passando creme e os enrolando entre os dedos, entre outras diversas opções que encontramos para disfarçar as duas texturas até o fim da transição. Existem também aquelas que optam pelo método mais polêmico que é o big chopp (também conhecido como bc), (imagem 04), que traduzimos como grande corte, como o nome sugere, é feito o corte de toda a parte que possui algum resquício de alisante e deixa o cabelo crescer naturalmente a partir daí.

Toda adaptação e mudança que ocorre no período de transição é muito grande, de acordo com a descoberta de como lidar novamente com os cabelos cacheados inclui passar por fases de angústia,

<sup>4</sup> Cito atrizes do canal Globo de televisão especificamente não com intuito de referenciá-lo, mas sim por se tratar de um canal aberto de fácil acesso em todo o território brasileiro.

<sup>5</sup> You Tube é uma plataforma para compartilhamento de vídeos na internet.

ansiedade, se considerar feia, muitas vezes é difícil encarar o olhar da sociedade pois temos consciência<sup>6</sup> que o cabelo realmente não está agradável aos olhos durante toda essa mudança, de maneira que muitas desistem em alguma parte do processo, porque além de passar por todas essas fases é necessário também ter paciência para a espera, a estrutura do cabelo demora um tempo considerável para retornar e nem todas conseguem aceitar isso bem e infelizmente estas encontram no retorno aos processos de alisamento uma solução mais fácil e agradável. Mas para todas que conseguiram lidar com tudo que o processo de transição exige aproximadamente com 2 anos já possuem resultados muito satisfatórios e cabelos livre de processos químicos, aprendemos a admirar um traço natural e que faz parte de nós. O cabelo afeta em muito a auto estima, e nada é mais confortável do que assumirmos aquilo que somos, primeiramente é necessário nos olharmos e nos apaixonar por nossa imagem, dessa forma o olhar de julgamento que vem de fora não terá tanto peso.

Como citado anteriormente, o You Tube foi um meio utilizado que aumentou muito a visibilidade, disseminação e do ensino prático quanto o retorno para os cachos, mas este não foi o único meio utilizado, em redes como o Instagram e Facebook<sup>7</sup>, por exemplo, foram criadas páginas com conteúdo específico de interesse para cacheadas, que divulgam tipos de corte, penteado, produtos para o dia-a-dia, hidratações, entre outros.

Dentre essas diversas páginas, existe no Facebook, desde 2012 um grupo fechado denominado "Cacheadas em Transição (OFICIAL 2012)", do qual eu faço parte desde 2017 e foi um grande influenciador e apoiador à minha transição, assim como o de milhares de meninas (no dia 04/07/2019 constam 261.290 membros). Tal grupo funciona como um diário de apoio, postamos nossas conquistas a cada centímetro de crescimento, fotos todas as vezes que a finalização fica satisfatória a nossos olhos, fotos de antes e depois onde nos orgulhamos e incentivamos que está no processo a acreditar que basta ter paciência, cabelo cresce. Mas como nem tudo é fácil neste processo encontramos também muitos desabafos, como relatos de pessoas que estão sendo julgadas através de palavras, olhares e ações de todas as pessoas ao redor, e também o relato da tentativa, mas não aceitação de seus cabelos naturais. Considerei apropriado incluir aqui relatos originais de algumas participantes do grupo citado como forma de enriquecimento do meu trabalho, mas preservando seus nomes:

*V.R. postou em 02 jul 2019: " Bom dia meninas♥ Há 6 meses fiz o bc, e hoje queria agradecer por todas aqui no grupo que me ajudaram de alguma forma a continuar firme na transição, seja por fotos ou por ter nos contado como foi fazer o bc. As fotos tem diferença de um ano. Para as que estão em transição eu desejo toda a força do mundo, sabemos que não é fácil, mas o resultado é lindo"*

*G.P. postado também em 02 jul. 2019: "3 anos e 4 meses de cabelo natural( contando com 1 anos e 4 meses de transição). Já cheguei passar 4 vezes pela transição e desisti no meio do caminho, e foi por meio de fotos de vídeos que encontrei forças para seguir adiante com minha transição. E cá estou eu , para dar aquela forcinha a vcs. Lembrem -se TUDO PASSA."*

*K.L. postado também em 02 jul. 2019: "A sensação de liberdade é indescritível. ♥ ♥ ♥ 2 anos e 3 meses em transição, 4 dias de big chop e muito amor pelo meu cabelo crespo que eu descobri que é lindooooo."*

*P.C. postou em 01 jul. 2019 : "Quantas crianças com cabelos crespos e cacheados sofrem bullying nas escolas nas vizinhanças e até dentro da própria casa ? Pois comigo não foi diferente, com 11 anos eu alisei meu cabelo por achar que meu cabelo era feio, pelo fato de minha mãe não saber pentear e entendo ela já que na época dela era pior nem cabelo ela tinha Porq o cabelo dela era considerado duro e minha vó mandava cortar Joãozinho por não ter tempo pra pentear, época de São João eu sofria uma trança de cada lado do cabelo e mais parecia dois côco enorme, então passei a vida toda de cabelo liso por achar mais fácil, até no dia que uma prima minha entrou em transição e cortou o cabelo, algumas*

<sup>6</sup> Neste trecho faço algumas vezes a utilização da fala em primeira pessoa pois também abracei o processo de transição e me identifiquei com diversas fases que já superei ou que ainda estou passando.

<sup>7</sup> São redes sociais online de compartilhamento de fotos e vídeos e interação entre seus usuários.



*amigas minha foi fazendo o mesmo e eu tive coragem tbm de fazer e hoje não me arrependo, mesmo com alguns olhares de reprovação amo meu cabelo, depois de tanto reclamar com Deus hj percebi que eu tenho exatamente o que deveria ter e eu me amo do jeito que sou !*

*Não se envergonhe do seu cabelo, arrume o cabelo da sua filha e empoderem as crianças que vc ver!*

*Cabelo cresce sim não tenha medo !*

*Dia 21 fez 3 anos e 3 meses de cabelo natural."*

*D.C postou em 19 jun de 2019: "Depois de 10 meses em transição fiz meu BC muito insegura e recebo muitas críticas o tempo todo mais sigo firme."*

*B.O postou em 21 jun. 2019: " Meninas como vocês lidam ou lidaram com a baixa autoestima durante a transição? Já estou quase no fim da transição mas me sinto feia com o cabelo natural, me sinto desarrumada e com a auto estima baixa. Meu cabelo é muito seco e de vez em quando até algumas pessoas ficam me perguntando porque eu não hidrato, mas a questão é, eu hidrato, faço nutrição e até reconstrução e ele continua muito seco e principalmente volumoso. Queria dicas porque estou a um passo de voltar a alisar 😞 "*

*M.C. postou em 9 mai. 2019: " Foram 11 anos dependente de química. 5 tentativas de finalizar a transição. E bastou 11 meses pra ficar livre, mas não só da química; fiquei livre da minha percepção do feminino. Quando eu decidi cortar meu cabelo eu sabia o tamanho que ele ficaria. Sabia que teria que trabalhar na minha visão conservadora sobre mim mesma.*

*Sábado quando eu cortei sai do salão e comecei a chorar na estação. Me achei estranha e ainda soltei pro meu namorado "não estou feminina". Hoje, segunda, pela primeira vez em anos eu me peguei admirando a imagem refletida no espelho.*

*A transição nunca será só sobre o cabelo."*

Esses foram apenas poucos depoimentos que utilizei para elucidar como a questão do cabelo é extremamente importante para as mulheres, é possível encontrar vários depoimentos semelhantes quanto ao olhar que estas possuem sobre si mesma, a preocupação em relação ao olhar da sociedade, da família, do namorado (a), entre outros. Para aquelas cacheadas que não conseguiam se identificar dessa forma e retornaram para o liso, tudo bem, não existe problema nenhum nisso, desde que essa identificação seja pessoal, seja através de seus olhos, de sua crítica particular, e não influenciada pelo grupo em que vivemos, ou como uma maneira de se adaptar, a parecer mais formal, mais padronizada, passando uma imagem mais confortável ao julgo implacável da sociedade . Fica muito nítido que muitas das vezes que nos arrumamos a maior preocupação não é quanto ao nosso gosto e identificação, mas sim a preocupação quanto ao olhar e julgo que iremos receber da crítica sociedade em que vivemos, e por isso é muito importante respeitar o próximo, isto é, respeitar seus traços, suas escolhas, suas peculiaridades.

Outra questão muito importante que é facilmente notada através da leitura desses depoimentos e do acompanhamento das postagens na referida página, é a de como é importante receber apoio, mesmo que seja de desconhecidas. Esse tipo de grupo onde mulheres se apoiam , se aconselham, se elogiam e se expõem sem medo, acaba por as tornarem mais fortes para a transição e principalmente é uma espécie de preparação e blindagem para o que possa vir da sociedade que não compreende a importância do processo que estas estão vivendo.

## Imagens

01) O processo da transição:



Fonte : <https://biankinha16.files.wordpress.com/2014/01/transic3a7c3a3o.jpg?w=640>

02) Tipos de cabelo:



Fonte : <https://br.pinterest.com/pin/594475219532497428/?lp=true>

03) Duas texturas



Fonte: <http://princesaacacheada.blogspot.com/2015/10/minha-transicao-capilar.html>

04) O big chopp (grande corte)



Fonte: <https://wjhair.com.br/2019/04/10/big-chop/>

## Considerações finais:

A partir do estudo feito para a realização deste artigo foi possível compreender que qualquer assunto que viermos a tratar sobre a comunidade negra está, infelizmente, sob a sombra do racismo, e nos fazem questionar quanto tempo ainda será necessário para a abdicação de tal visão. Os brasileiros muitas vezes utilizam tanto esforço para mostrar orgulho quanto a sua questionável democracia racial que não percebem o abismo entre as classes sociais e o mais grave é que ocorre um levante mínimo de conscientização e de ações para que essa diferença seja diminuída ou extinta.

Em diversas pesquisas populacionais (IPEA e IBGE, por exemplo) são expostos em números o tamanho da diferença racial. Em índices como violência, desemprego, escolaridade, indicativo de salário, entre outras, encontramos em todas as pesquisas no decorrer dos anos uma discrepância preocupante entre aqueles que se consideram brancos e os que se considerando pardos ou pretos, onde estes, mesmo obtendo progressiva melhora, sempre possuem um menor indicativo positivo em praticamente todos os índices pesquisados quando comparados a população declarada branca.

É imprescindível expor também que a identificação com seus traços culturais e suas raízes é de extrema importância para o empoderamento de toda a população (na minha pesquisa mais especificamente para as mulheres negras), mas é importante nos atentar que assim como em várias outras características, nos cabelos também focamos muitos vezes em um "tipo ideal", que para algumas é um cacheado bem definido e com pouco volume, para outras é com muito volume, de forma que assim como se fazia com o alisado repetimos o comportamento tratando agora dos cabelos cacheados. Assumimos os cachos mas não aceitamos como ele é, queremos que o cabelo fique como o da modelo da propagando, como o da atriz, como a da nossa amiga de trabalho, entre outros, então para aderir ao processo de transição seria excelente antes compreender e aceitar que cada cabelo possui uma estrutura e que a sua estrutura pode não ser exatamente como você gostaria, mas aceitar de verdade seria usar ele como é, e não fazer uso de diversos produtos que prometem deixar seus cachos especificamente de uma determinada forma, pois dessa maneira continuaríamos seguindo um dado padrão específico.

É necessário compreender-mos que a questão principal é desmistificar os traços negros como uma marca de inferioridade e abraçá-los como uma forma de identidade. Em uma sociedade ideal seria lúcido esperar essa visão de todos, mas como infelizmente não vivemos em tal sociedade, seria muito interessante que ao menos as pessoas que possuem ascendência africana pudessem conhecer e reconhecer o valor de sua ancestralidade e consequentemente enxergar a beleza em seus traços. E quanto ao conteúdo da estética negra, que por vezes é estereotipada e vulgarizada é necessário muito conhecimento e respeito da população para compreender que cada tipo de beleza possui características próprias e que o diferente não é necessariamente pior ou melhor, são nossas traços peculiares que fazem de cada um seres únicos.

*" Se o Brasil não tem um tipo racial, tem todavia UMA RAÇA. Essa precisa ser defendida, valorizada, educada, melhorada por si-mesma e não por transfusões de outros sangues, apenas teoricamente melhores. Dessa Raça Brasileira, é a Gente Negra Brasileira uma distinção e não uma separação. [...] É, pois, a OBRA FRENTE NEGRINA uma afirmação cálida e violenta, se assim quizerem, de BRASILIDADE e de RAÇA (SANTOS, Arlindo Veiga dos, Avdr, n° 49, 23/11/1935).*

## REFERÊNCIAS

BEOZZO, José Oscar. **Igreja do Brasil e santa Sé.** *Vozes – Revista de Cultura*, Petrópolis, n. 1, p. 561-580, 1981

FACEBOOK. **Grupo Cacheadas em Transição (OFICIAL 2012).** Disponível em: <[https://www.facebook.com/groups/487145284650001/2566010723430103/?comment\\_id=2666864653344709&reply\\_comment\\_id=2666898913341283](https://www.facebook.com/groups/487145284650001/2566010723430103/?comment_id=2666864653344709&reply_comment_id=2666898913341283)>. Acesso em: 4 jul. 2019.

FELIX, Sayara de Brito (2010). **Cabelo bom. Cabelo ruim: a construção da identidade afrodescendente na sala de aula.** *Revista Africa e Africanidade* - ano 3 - n.11 , novembro, 2010 - ISSN 1983 - 2354. Disponível em <[http://www.africaeaficanidades.com.br/documentos/01112010\\_25.pdf](http://www.africaeaficanidades.com.br/documentos/01112010_25.pdf)>. Acesso em 19 mar. 2019

GOMES, Nilma Lino (2011). **Diversidade étnico-racial, inclusão e equidade na educação brasileira: desafios, políticas e práticas.** *RBPAAE* – v.27, n.1, p. 109-121, jan./abr. 2011. Disponível em <<https://seer.ufrgs.br/rbpae/article/download/19971/11602>>. Acesso em 20 abr. 2019.

\_\_\_\_\_ (2002). **Corpo e cabelo como ícones de construção da beleza e da identidade negra nos salões étnicos de Belo Horizonte.** Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP. Disponível em <<http://acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/10/Corpo-e-cabelo-como-s%C3%ADmbolos-da-identidade-negra.pdf>> Acesso em 20 abr. 2019

HOFBAUER, Andreas (2011). **Branqueamento e democracia racial:** sobre as entranhas do racismo no Brasil. Disponível em <[https://andreshofbauer.files.wordpress.com/2011/08/branqueamento-e-democracia-racial\\_finalc3adssima\\_2011.pdf](https://andreshofbauer.files.wordpress.com/2011/08/branqueamento-e-democracia-racial_finalc3adssima_2011.pdf)>. Acesso em 03 jul. 2019.

MARINGONI, Gilberto (2011). **O destino dos negros após a abolição** – Resumo: História da Abolição da Escravatura no Brasil, os abolicionistas, Resumo, Lei Áurea decretada pela Princesa Isabel em 1888, a questão da escravidão no Brasil Império. *Revista desafios do desenvolvimento*, 2011 . Ano 8 . Edição 70 - 29/12/2011 Disponível em <<https://www.historiadobrasil.net/abolicaodaescravatura/>> Acesso em 19 mar. 2019.

OLIVEIRA, Saulo Veiga; ODA, Ana Maria Galdini Raimundo. **O suicídio de escravos em São Paulo nas últimas duas décadas da escravidão.** *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.15, n.2, p.371-388, abr.-jun. 2008.

RUGENDAS, João Maurício. **Viagem através do Brasil.** São Paulo, Belo Horizonte: Edusp, Itatiaia, 1979.

Schwarcz, Lília (1994). **Espetáculo da miscigenação** . *Estudos Avançados*, 8(20), 137-152. Disponível em <<http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9652>> . Acesso em 19 mar. 2019.

\_\_\_\_\_ (1957) **O espetáculo das raças:** cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930. São Paulo: Comp. das Letras, 1993.